



Amadoras d'aguarela: D. DORA LEHRFELD, discipula de Roque Gameiro

N.º 326 Lisboa, 20 de Maio de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS A ESPANHA

Ilustração
PORTUGUEZA

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo
RUA DO SECCULO, 43

ALIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM



O ALIMENTO DAS CRENÇAS E O CALOR

Aproxima-se o calor e deve-se ter muito cuidado com o alimento das creanças de peito e com as mais crescidas, mas fracas, porque a má alimentação mata muitas d'elas. As mães devem dar a seus filhos, como experiencia, uma lata de **GLAXO** (idêntico ao leite materno) para que vejam como se dão bem, e devem também saber que em todas as épocas o **GLAXO** pôde crear os seus filhos robustos e salvar-lhes a vida em **CASOS DESESPERADOS**. Para convalescentes, velhos e doentes, especialmente do estomago, o **GLAXO** é ideal. Peça-se nas farmacias, drogarias e mercearias.

Mandam folhetos a quem os pedir e amostras aos medicos

Os IMPORTADORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

SANTOS & BENSLIMAN

87, Rua Aurea—LISBOA

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



REMEDIO DE ABYSSINIA EXIBARD
em Pó, Cigarros, Folhas para fumar.
Allivia e Cura **ASTHMA**
H. FERRÉ, BLOTTIERE & Co
23, Rue Richelieu, PARIS.

FARINHA
Phospho-Nourishing
MARCA  POMBA

É um alimento nutritivo e saboroso para todos os organismos, crianças convalescentes e adultos. Facilita a digestão e reconstitue o organismo. Recomenda-se por si. A venda em todas as boas mercearias, drogarias e farmacias, onde se distribuem gratuitamente amostras e prospectos.

Peçam sempre a farinha marca POMBA
PREÇO DA LATA 450 réis
PREÇO DO PACOTE 120 RÉIS
Representante da PHOSPHO-NOURISHING
LARGO DE S. JULIÃO, 12, 1.

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição
fazem-se nas officinas da Ilustração Portuguesa, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcusable perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado e nickelado. Em cobre. A cores pelo mais recente processo — o de trichrom a. Para jornaes com tramas espediaes para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde e da noite.
Rua do Seculo, 43—LISBOA

BAUME BENGUÉ
Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS
D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

Para encadernar a **Ilustração Portuguesa**

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para o cadernar o segundo semestre de 1911 da Ilustração Portuguesa. Desenho novo de ótimo effeito. Preço 360 réis. Também na mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se por qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser metida em vale do correio ou selos em carta registada. A capa váe acompanhada do indice e frontespícios respetivos.



As flores

Maio é um canticó de luz e de perfumes. O sol faz desabrochar as rosas, os cravos, as flôres de toda a especie que vão engalanar as casas e os vestidos das mulheres. Alpendres de rosas, enfeites de rosas em que Portugal é tão opulento, como em sol por estes doirados e ardentes mezes.

Tambem sem a ardencia não ha roseiraeas lindos como não ha craveiros formosos: á luz teem perfumes ativos, exuberancia, seiva, lembram raparigas a fazerem-se mulheres no curto espaço d'um inverno para uma primavera. E porque gostam do sol e d'ele vivem essas flôres portuguezas toda a região, mediterranea ao sul do Tejo, é um jardim d'encantos. Não ha casalejo como não ha portada de moinho onde deixe de existir o alarme vivo d'uma flôr, como não ha herdade, quinta, simples quintalinho nos quaes mãos cuidadosas deixem de plantar os seus rebentos prediletos, quando a terra é macia, para agora serem os mananciaes riquissimos de que tantos proveitos se podem tirar.

Apezar de tudo ainda se importam flôres no valor d'uns cincoenta a sessenta contos, ainda veem de Nice e da costa mediterranea rosas, cravos, crisantemos, violetas e camélias que nós aqui poderiamos ter para o commercio tão lindas como as que de lá veem. Ha amadores que as possuem nos seus jardins, ha mesmo brilhantes tentativas da parte dos jardineiros do Estado mas isso não é o bastante para fazer d'esta linda terra um esplendido, vistoso e vasto mercado de flôres.

Em todo o caso de dia para dia vão-se abrindo estabelecimentos luxuosos, onde ha a policromia das petalas n'uns alardes, onde os perfumes se misturam: veem-se aos cantos das ruas mulheres que vendem flôres que veem muito frescas e muito lindas





dos arrabaldes formosas e frescas para serem o consolo dos nossos olhos e do nosso olfato.

Quando isto é assim que faria se nos applicassemos á sua cultura nas regiões para elas bem propicia. Começaríamos a ser o paiz das flôres como já somos o paiz do sol.

O Algarve e o Alemtejo, terrenos calidos e ensoalhados, seriam duas belas provincias para a exuberante produção dos cravos e das rosas bem como todas os exemplares da flora mediterrânica.

Que lindos jardins seriam e que enormes rendimentos dariam essas duas provincias tão



formosas desde que nas colinas aridas alemtejanas se plantassem os roseirae e na terra verdejante algarvia florescessem com eles as extensões





dos cravos ru-
bros que evocam
bocas femininas
vermelhas e per-
fumadas, airosi-
dades de hespa-
nholas que os
uzam a resair
viçosamente, co-
mo um estímulo,
no negro dos ca-
belos, tardes
de touros em
que ha amor,
bravura e im-
peto. A rosa
é dos salões,
sente-se a sua
delicadeza
no tom e no



macio; o cravo é da
rua; a sua petulancia
o diz. Se fizessem as
culturas nas nossas re-
giões ensoalhadas quan-
to mais lindos não se-
riam; os interiores das
nossas casas, onde as
flôres barateadas influ-
iriam, quanto mais gar-
ridas não pareceriam as
mulheres a quem elas
engalanassem!

Estas são as flôres das
calidas regiões; as rosas
e os cravos.

As camélias, essas lindas
flôres de languidez, exan-
gues como formosas mortas, so-
berbas para a vista e quasi rígi-
das, parecendo florescencias das
neves, só o norte pôde produzir
com exuberancia. Carecem de
uma temperatura menos ardente,
mais humida, assim como
uma vaga neblina que pare-
ce enregelal-as. E' ela a flôr
do norte, como a rosa é a
flôr do sul. Vive a camélia



menos do que a rosa, tem menos grandeza e menos brilho. Uma é a flôr da modestia; a outra a do alarme. Carece a camelia cuidados maiores na colheita, na cultura, na acomodação, mas podia tratar-se com mais esmero n'essa região do norte onde já floresce ricamente e da qual

seria uma das melhores receitas.

Lisboa e as suas quintas arrabaldinas também produzem camelias, mas nunca atingem a beleza das que veem do norte, flôres d'outra temperatura, como estrelas d'outro hemisferio.

E as violetas?!



Ha uma época do ano em que são aluviões; aparecem aos montões, às mólhadas, vendidas pelas crianças e por preços irrisorios. Parecem, pela quantidade, flôres campestres, que mais nascessem ao acaso do que se cultivassem. Tem um

perfume discreto, suave, tem um arsito triste; dão a impressão de uma viuvez, mas de uma viuvez

sempre consolavel que se arvora quasi petulante em vespêras de novo casamento. Constituem um rendimento para as pequenitas que as vendem na época propria por todas as ruas da cidade em mólhadas que custam um vintem. Não são, toda-



via, d'uma grande beleza de aspeto, mostram-se faltas de carinhos, mal apresentadas, apenas com a sua graça natural, de flôres.

Apesar de tudo ha compradores que as adoram, ha familias que só vivem d'elas n'essa epoca do ano.

Se as cultivassem n'uma temperatura pouco calida com cuidados que deviam ser empregados tambem nas outras flôres, poderia mos dispensar bem esses cincoenta a sessenta contos de importação, empregar mais alguns braços e tornar mais garrido o interior das nossas casas desde que as rosas, os cravos, as outras flôres não fossem tão caras como os generos de primeira necessidade, o que obriga algumas lindas mulheres—amigas da cor e do perfume—a desejarem imitar a rainha santa, ao transformar o pão em flôres.



EXPOSIÇÃO DOS HUMORISTAS

NO GREMIO LITERARIO

Abriu o salão dos humoristas no Gremio Literario, tres salas que deitam para uma varanda ampla onde se vae espaaecer a meio da visita, porque a aglomeração de quadros é enorme e cança n'aquella meia luz das salas.



1—Inglezinhos, caricatura por Francisco Teixeira



2—Tipos caricaturaes em barro: pelo sr. Nunes Ribeiro. 3—Sr. Bernardino Machado, caricatura em barro. 4—Sr. Brito Camacho, pelo sr. Nunes Ribeiro



Ao lado de caricaturistas já conhecidos pelos seus

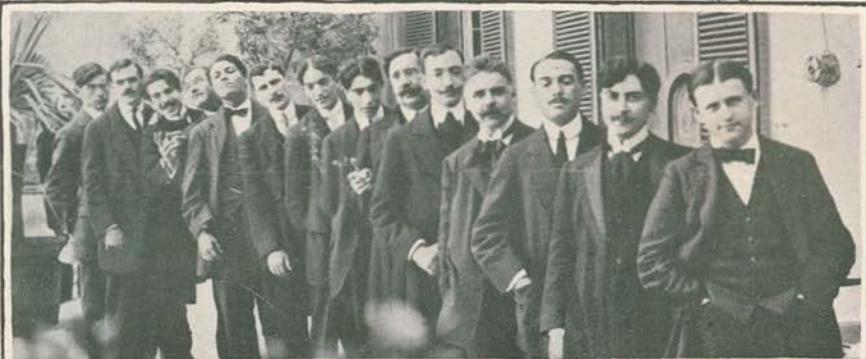


5—O chefe do Estado, o presidente de ministros e os expositores, no dia da inauguração do certamen

trabalhos de jornal como Manuel Gustavo, Francisco Valença, Joaquim Guerreiro e Alfredo Candido, aparecem outros que mostram as suas tendências para variados generos, alguns mesmo para especialidades como o sr. Menezes Ferreira, que trata com graça assuntos

tas do sr. Faria e Maia, que teem linha e arte.

Outros expositores como os srs. Emerico Nunes, Cristiano Cruz, Almada Negreiros, Sanches de Castro e Hugo Sarmento teem trabalhos originaes, sendo dignas de menção algumas das caricaturas de artistas assinadas por Amaralhe.



militares e como o sr. Jorge Barradas, muito novo ainda, que, dando ás figuras, é certo, um ar pouco nacional, tem, todavia, graça no intuito, leveza na cor e na execução. Santos Silva (Alonso) apresenta duas caricaturas originaes e Candido Silva *portraits charges d'homens de sport*.

Ha n'esta exposição alguns trabalhos caricaturaes, em barro, do sr. Nunes Ribeiro, que são tipos interessantes das ruas, assim como algumas estatue-



1—Um trecho da exposição. 2—Alguns dos expositores: srs. Jorge Barradas, Francisco Valença, Menezes Ferreira, Viriato Silva, Rocha Vieira, Manuel Gustavo, Bordoalo Pinheiro, Faria e Maia, Almada Negreiros, Nunes Ribeiro, Joaquim Guerreiro, Candido Silva, Alfredo Candido, Rodrigues Castane e Cristiano Cruz. 3—As calças do papá, (caricatura de Manuel Gustavo). 4—santos Silva (Alonso) um dos mais distintos expositores

O REI DA DINAMARCA



Frederico VIII

O rei Frederico VIII da Dinamarca faleceu a 15 de maio, em Hamburgo. O monarca que teve o mais calmo dos reinados, era irmão da rainha Alexandra, da imperatriz mãe do czar, do rei Jorge da Grécia e pae do rei Haakon da Noruega. Sendo, pela sua morte, enlutadas quasi todas as casas reinantes da Europa. O sucessor é seu filho o principe real Cristiano que tem quarenta e dois anos e é casado com a princeza Alexandrina de Mecklemburgo.

CREANÇAS E AMAS



Agora que no parlamento existe uma proposta para a regulamentação das creanças e amas, é curioso definir como através do mundo uma d'essas classes exerce a sua atividade

de e como por quasi toda a parte o seu mister se assemelha.

Trata-se das amas, não d'essas que amamentam e a quem as creanças se habituam a querer como às



mamãs, mas das outras que são, por assim dizer, as condutoras dos seus primeiros passos, as guardas vigilantes nas suas correrias e brincadeiras.

A ama seca é a primeira precetora. Exerce junto das creancitas o papel que madame de Montesquieu tinha junto do rei de Roma, que lhe chamava *mamã Quiou*. O pequenino rei—como Constant diz nas suas memórias—fazia-lhe as suas ingenuas confidencias.

Não é necessario para isto se saber evocar a historia. As creanças são todas as mesmas, filhas de reis ou nascidas do povo. Afeiçoam-se aos que com

bem os seus francos, os seus yens, os seus rublos ou os seus quatro ou cinco mil réis tornam-se, com o decorrer do tempo, como pessoas de familia, que choram quando teem de abandonar a creancinha com quem durante tanto tempo viveram.

Ninguem, como uma d'essas precetoras, para lhes passar as culpas, para crear em volta do seu menino uma instintiva reputação de intelligencia ou de bondade. Conta-se que a senhora de Tournon, ama do delfim, que a posteridade devia chamar Luiz XVII, o adorava. Uma vez o principe andava fazendo



Ama de Copenhague



o servo, ama seca em Copenhague



A ama sueca

grandes covas no parque de Versailles e um corteção, mirando a real creança atravez da sua luneta de cabo, correu a chamar os outros, os duques, os condes, a corte, dizendo da habilidade, da tençencia do principe para a arte militar. Não havia duvidas! O delfim estava cavando trincheiras. Interrogou então a creança deante da precetora:

«V. A. está fazendo trincheiras...?»

O pequeno respondeu atropalhadamente e a ama empalideceu. Só ella comprehendia a sua linguagem infantil e guardou-se bem de dizer o que ouvira e só mais tarde memorialistas revelaram:

«Não—dissera

elas mais privam, amam-nos, contam-lhes os seus sonhos, os seus desejos, os seus caprichos. Da parte d'ellas, das amas, das precetoras que as levam ás tardes para os jardins, em Stokolmo como em Pekin, para o Luxemburgo como para a Estrela, ha uma ternura que nasce tambem espontaneamente, filha do contacto, da analyse d'aquelles olhos que vão tendo expressão, d'aquella linguagem que muitas vezes só ellas entendem. As mercenarias que rece-



A ama norueguesa



A ama russa

o filho de Luiz XVI — são covas para fazer cair a velha Tournon. Essas grandes provas de carinho, de amizade por esse filho do rei, tam bem as outras amas as dão pelos filhos dos burguezes.

Guardas de pequenitos, essas almas de mulher adoram a infancia.

Em Portugal ha anos mal se lhes confiavam todavia as creanças. Os olhares vigilantes das mães jámais largavam os filhos e como nem todas as moradas tinham jardins a infancia decorria dentro das casas, os pequenitos quietos, sem exercicio, na errada interpretação d'essa época de que a melhor educação era a da tranquillidade.

«O pequeno é muito quietinho» — n'isto se cifravam os elogios.

Assim, sem ar, sem alegria, sem ginastica, sem exercicios, cresceram as creanças lisboetas de ha anos. Ago-



Ama lugeza

ra é ir, á tarde, por esses jardins — e pensa-se que pelos parques de todo o mundo — e lá se veem as creanças com os seus brinquedos, trans-

portados dos lares, com os seus jogos, lindas — por-

nas cabecitas onde fervilham idéas patuças, saltando e correndo, os mancebos e as meninas d'amanhã, os papás e as mamãs do futuro, que por sua vez pagarão ás amas dos seus filhos.

Lisboa, sobretudo n'estas tardes de verão, oferece nos seus jardins esse pitoresco aspecto da pequenada



Creança italiana

brincando; são



3—Ama italiana. 4—Amas alemãs



1—Amas servias

como as aves da tarde,
as que veem chilrear
antes da noite cair, an-
tes de se irem deitar
nos leitinhos bran-



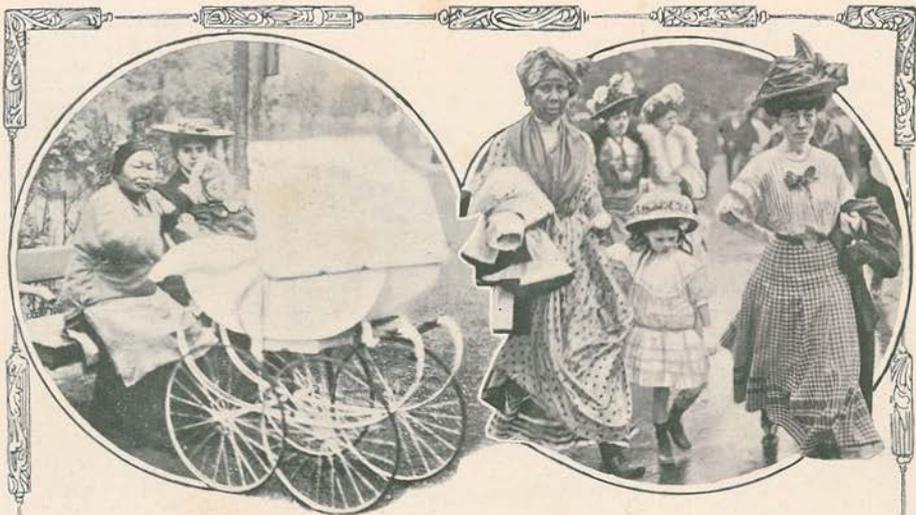
2—No Jardim da Estrela

cos onde ainda o ulti-
mo rosto que lhes sor-
ri é o da ama.

Ha tambem as que
os criam, as que lhes



3—Ama alsaciana, em Paris



1—A ama chinesa. 2—A ama hindú

dão o seio e essas, todas cuidados da parte das famílias das crianças, também aparecem por esses belos jardins cheias de resguardos, sob as sombrinhas com que outras creadas as cobrem, enquanto vão empurrando os carrinhos onde os pequeninos sorriem segurando os seus amuletosinhos, as suas rocas, os seus guizinhos de prata.

E' na Estrela, cheia de pitoresco, onde os balouços esvoaçam, como na Patriarcal, cujo repuxo o sol doura, que esses lindos quadrinhos de amas e crianças se gravam na nossa imaginação, como nos parques da Suecia, na beira dos lagos dos jardins de Paris, em Hyde Park, como em Cristiania isso vai sendo sempre uma nota de bondade e de ternura, a infancia entre a natureza, no meio das multidões atarefadas dos homens que passam lutando pela vida.



3—Amas Italianas. 4—Um coolie chinês ama improvisada



AS MANIFESTAÇÕES AO MINISTRO DA JUSTIÇA NA COVILHÃ



1—O ministro saindo da Camara Municipal
2—O sr. dr. Claudio Olimpio, illustre advogado da Covilhã, a quem se deve em grande parte o brilho que tiveram as festas.
3—Sr. dr. Antonio Macieira, ministro da Justiça.



4—Um trecho do cortejo a caminho da Escola Industrial, onde o ministro da Justiça realisou a sua conferencia.

EXPOSIÇÃO LEAL DA CAMARA.

posição de mobiliario que o illustre caricaturista mandou executar sob a sua direção e com modelos seus.

São especimenes deliciosos d'uma delicada



Trechos da exposição de caricatura e mobiliario

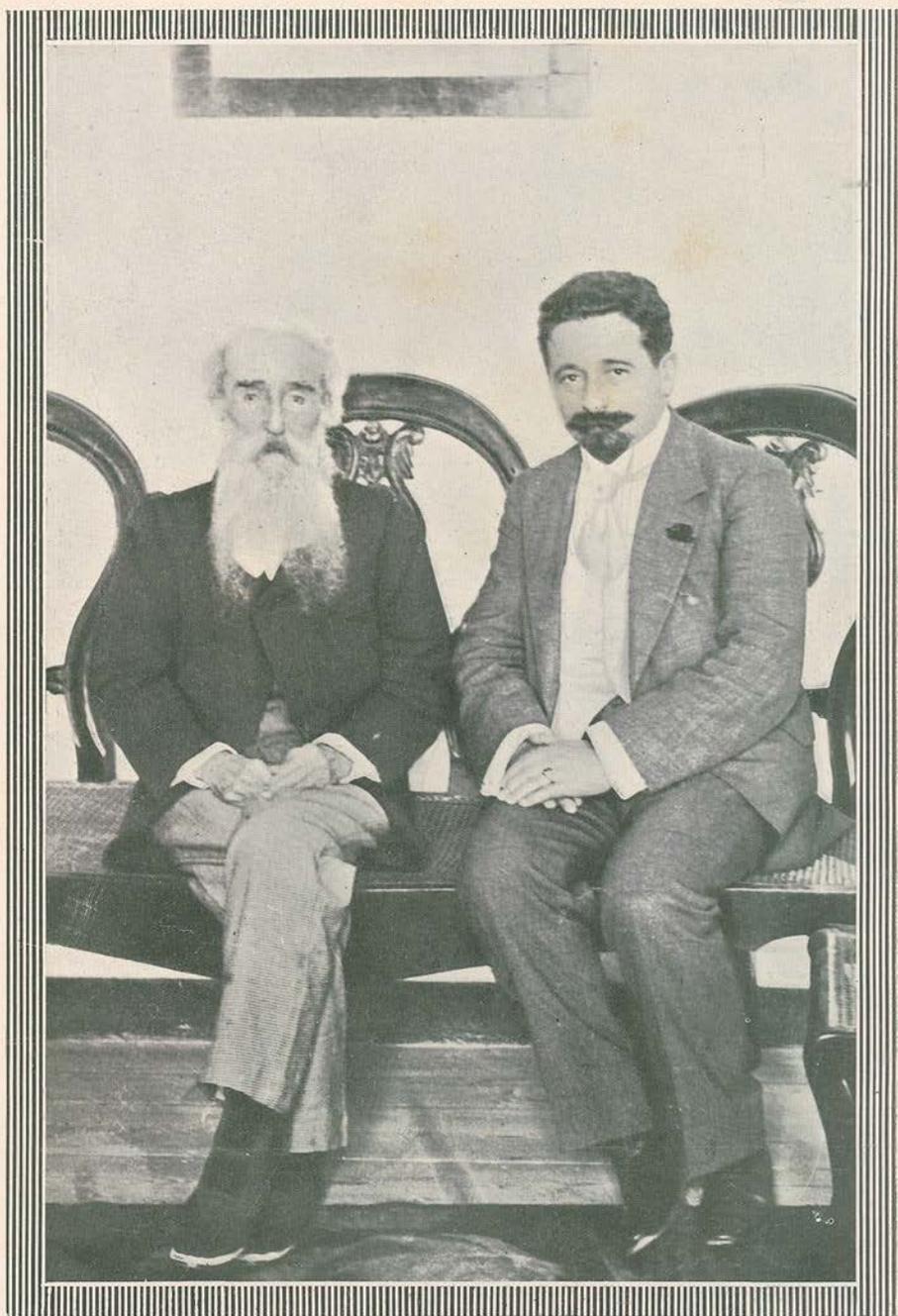
Leal da Camara surpreende-nos sempre com os imprevistos do seu belo talento. Imaginavamos ir assistir apenas a uma exposição de caricaturas e ela appareceu-nos na realidade magnifica, como não era a esperar outra cousa do singular artista mas tendo a acompanhalla a uma outra ex-



O sr. Leal da Camara (Clichés de Benoit)

arte que revelam as belas aptidões para o genero do distinto artista a quem já tão interessantes obras devemos.





A visita do sr. dr. Afonso Costa a Bulhão Pato na sua casa do Monte de Caparica, em 12 de maio

O JURAMENTO DE BANDEIRAS NA ESCOLA DE GUERRA



Depois do juramento de bandeiras nos regimentos, a mesma cerimonia se realizou com brilho na Escola de Guerra, d'onde saem os officiaes



te da camara dos deputados, assistiram ao ato, que se realizou na vasta parada, revestido da maior imponencia.

Depois da ce-

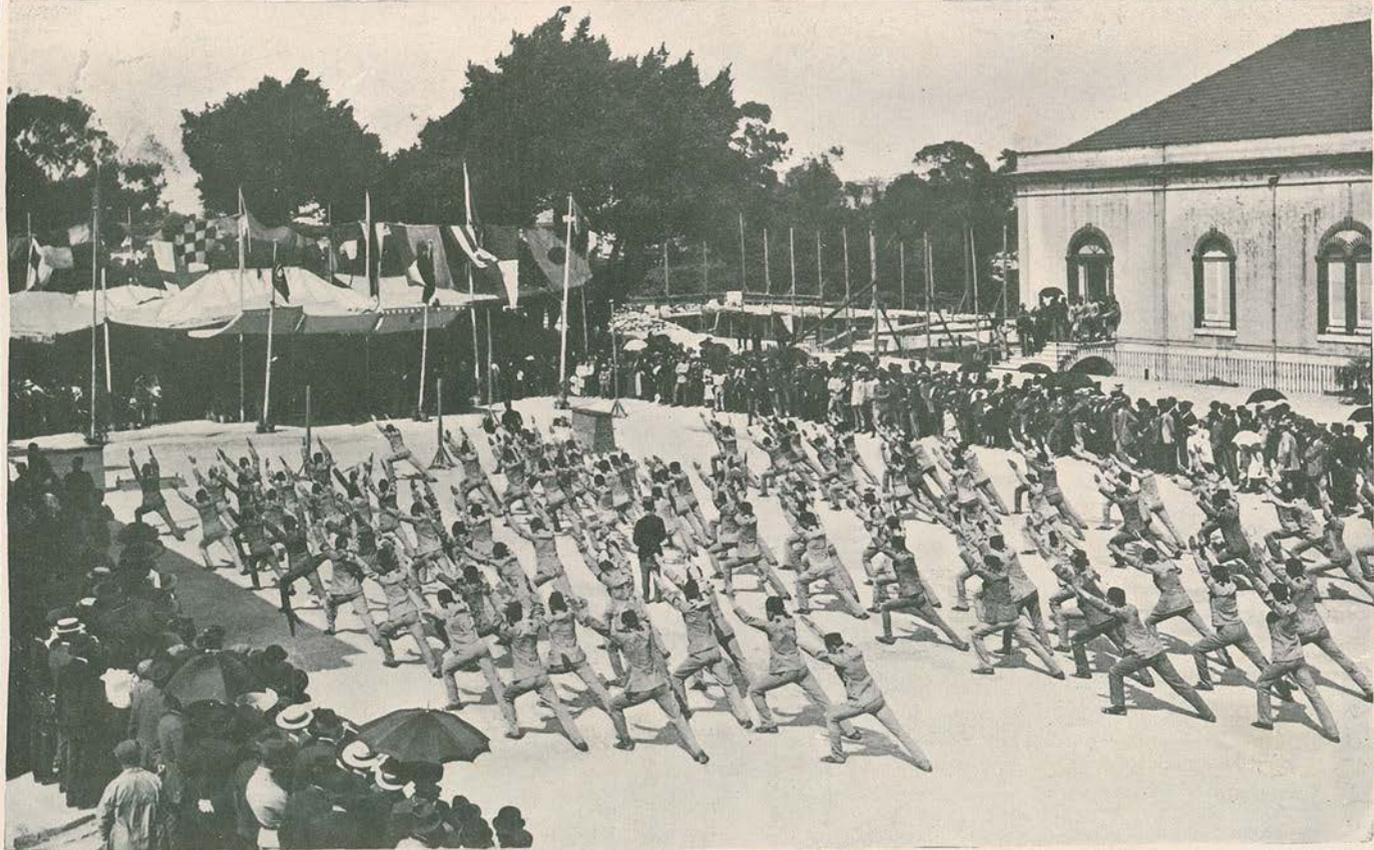


do nosso exercito e onde os novos aspirantes, em 12 do corrente, prestaram a sua declaração de fidelidade ao regimen.

O presidente da Republica, os ministros da guerra, das colonias, que é lente da Escola, do interior, comandante da guarda republicana, grande numero de officiaes e dignitarios da Republica, entre eles o presiden-



1—O aspecto do juramento de bandeiras na parada da Escola. 2—Os alunos que tomaram parte no torneio de esgrima na f'sta da Escola. 3—O general Moraes Sarmiento, diretor da Escola, o chefe do Estado e o ministro da guerra a caminho do pavilhão presidencial. 4—O general Moraes Sarmiento, diretor da Escola de Guerra



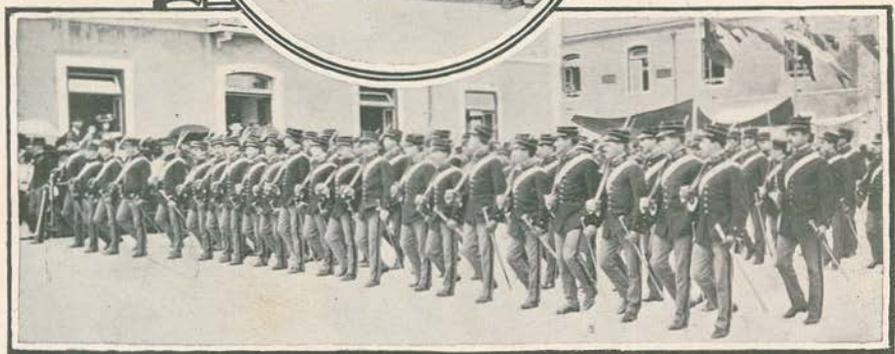
O exercicio de ginastica na parada da Escola de Guerra



rimonia realizaram-se diversos exercicios ginasticos pelos alunos, assistindo tambem o chefe do Estado, os ministros e a sua comitiva, visitando-se de seguida todas as dependencias do edificio. A distribuicao de premios aos alunos foi feita pelo presidente da Republica, que para cada um teve uma



palavra d'incitamento e elogio. O lente, sr. capitão Freiria, fez uma alocução aos alunos, na qual lhes mostrou os seus deveres de soldados, falando da velha e despotica disciplina e da nova, toda humanidade, que hoje se pratica.



1—O presidente da Republica, presidente da Camara dos Deputados, ministros da guerra, do interior e das colonias, comandante da guarda republicana e o director da Escola de Guerra no pavilhão assistiu to aos exercicios. 2—Salto de banqueta por um aluno. 3—O ministro do Interior com o comandante da guarda republicana. 4—Os alunos antes do juramento de bandeira—(Clichés de Benollet)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO NO SALÃO DA ILUSTRACÃO PORTUGUEZA

Este ano a Sociedade Silva Porto fez a sua exposiçào anual no salão da *Ilustração Portuguesa* tendo sido apresentados pelos discipulos de Carlos Reis quadros interessantissimos onde se marca a tradiçào d'aquella escola de paisagistas.



Além dos srs. Trigo e Saudee Alves Cardoso, cujos quadros já teem um grande cunho pessoal, inconfundivel mesmo, sendo d'um notavel pessoalismo, accusam-se grandes progressos nos srs. Abel Santos,



Frederico Aires e Armando de Lucena que apresentam trabalhos de valor como são respetivamente, além d'outros, o estudo no *Jardim da Estrela*, a *Estrada das Baldrucas* e *Entre a cevada*.

Os srs. Adriano Costa e Leandro Calderon expuzeram tambem



interessantissimos quadros como por exemplo o que o primeiro chama *Dia triste* e que o segundo intitula *Fim d'uma tarde de verão*. Os outros são ain-



1—Sr. Frederico Aires. 2—O illustre pintor. sr. Carlos Reis, mestre e diretor dos trabalhos dos artistas da Sociedade Silva Porto. 3—Sr. Abel Santos. 4—«Estrada de Baldrucas», quadro do sr. Frederico Aires. 5—«No Jardim da Estrela», quadro do sr. Abel Santos.



ressante quadro do sr. João Batista Junior, que, sem ter passado pelas escolas, á força de vontade e de persistencia, sob a direção do ilustre pintor Carlos Reis tem conseguido salientar-se.

São cento e quatro os estudos expostos no salão da *Ilustração Portuguesa*.

da estudantes e academicos, o que acontece tambem com o sr. Armando de Lucena, mas nos seus quadros mostram aptidões que se distinguem como nos estudos do sr. Ruy Vaz; nas *Oliveiras* do sr. Cunha Andrade e na *Tarde da Serra da Arrabida*, inte-



1—Sr. Armando de Lucena. 2—«Entre a cevada», quadro do sr. Armando de Lucena. 3—Sr. Adriano Costa. 4—«Antes do sol posto», quadro do sr. Adriano Costa. 5—«Tarde da serra da Arrabida», quadro do sr. João Batista Junior. 6—Sr. João Batista Junior. 7—«Oliveiras», quadro do sr. Cunha Andrade. 8—Sr. Cunha Andrade.—(Clichés de Benolle)

AS MANIFESTAÇÕES NO PORTO.



1—As manifestações deante do governo civil do Porto motivadas pela decisão do parlamento em tomar conta do projeto de lei do senador Silva e Cunha, relativo ao imposto do consumo da cidade ser cobrado pela Câmara Municipal.d'aquella cidade. 2—O senador Silva e Cunha. 3—As manifestações diante da Câmara Municipal do Porto.



FIGURAS E FACTOS



Uma pianista distinta.— Não é só em Lisboa que se cultiva magistralmente a musica. Por todo o paiz encontram-se verdadeiros talentos, amadoras distintas que parecem artistas consumadas. Está n'este caso «mademoiselle» Margarida Bernardes Pereira, formosissima filha do sr. Maximiano Bernardes Pereira, abalisado medico, sub-delegado de saude na Regoa. O piano não tem segredos para ela. Não se sabe o que admirar mais, se o sentimento com que toca, se os primores da execução. Em diversos concertos no Porto, tem recebido entusiasticos applausos que a colocam entre as nossas pianistas de mais destaque. Oscar da Silva, o grande pianista, Luiz Costa, tambem um verdadeiro mestre e o ilustre violinista Moreira de Sá, tiveram já occasião de render a «mademoiselle» Margarida Pereira as homenagens consagradas ao seu talento.



1—O grande proprietario e antigo deputado sr. Antonio Chaves Mazzotti, falecido em 10 de maio. 2—O major Sanches de Miranda indigilado governador de Macau. 3—Sr. D. Margarida Clotilde de Moraes Bernardes Pereira. 4—A despedida do sr. E. Morgan ex-ministro da America em Lisboa e que embarcou em 10 de maio para o Brazil onde vae tambem representar o seu paiz.

Agostinho Fortes é o discípulo predileto de Teófilo, que o tem agora como colega no Curso Superior de Letras. O ilustre professor acaba de publicar um livro, o *Helenismo*, em que mostra a sua erudição e o seu talento.



Marinha de Campos foi, como delegado do governo, visitar as nossas colônias, onde sem dúvida elaborará elucidativos relatórios que permitirão de futuro remediar muitos erros.

1—Paul Adam em Lisboa, de passagem para o Rio de Janeiro: O ilustre escritor francez com sua esposa e o encarregado de negocios do Brazil, sr. dr. Veloso Rebelo. 2—Agostinho Fortes, autor do livro o *Helenismo*. 3—O senador hespanhol Odon de Buen com o dr. Magalhães Lima e os corpos gerentes do Registo civil. 4—O sr. Marinha de Campos, nomeado pelo governo para inspeccionar as colônias de S. Tomé, Angola, Moçambique e Timor. 5—O senador hespanhol Odon de Buen á saída da Associação do Registo Civil

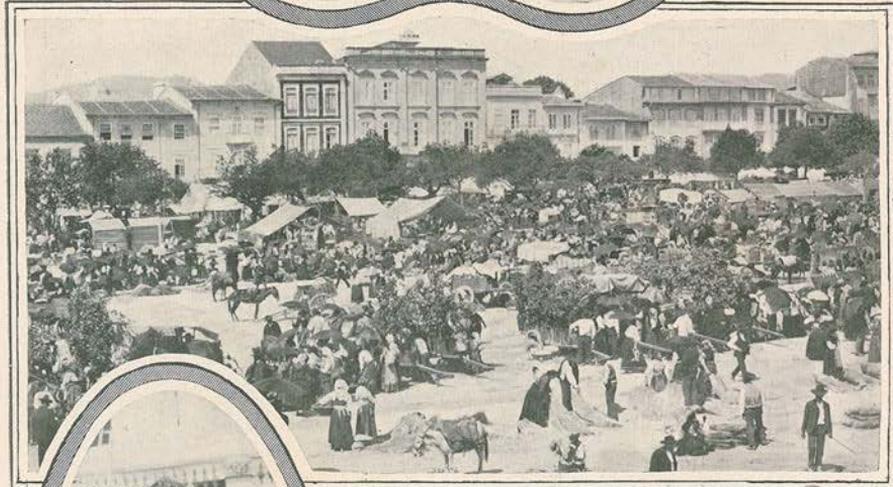
A FESTA DAS CRUZES EM BARCELLOS

A tradição não morre tão depressa como dizem os iconoclastas. Transforma-se lentamente e por fim é quasi desconhecida a origem das cousas a que vamos assistindo. Das festas do paganismo vieram as festas cato-



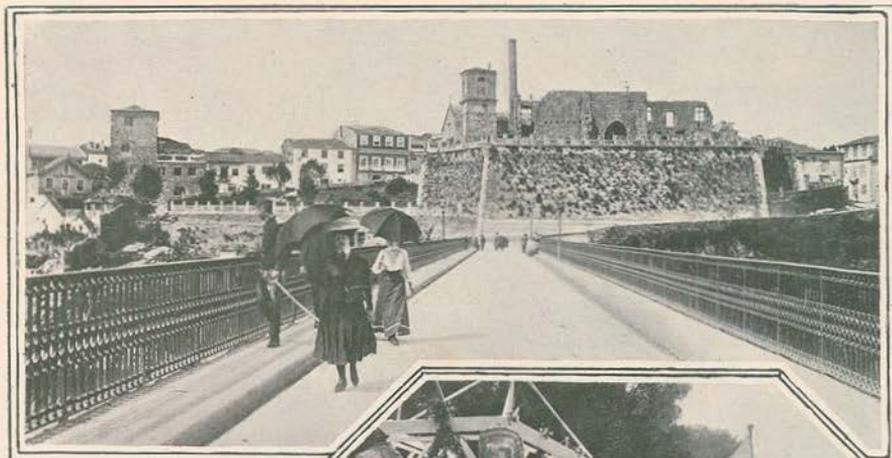
licas com seus folguedos, bailes e descantes.

No passado por um idolo depois por santos mais modernos até que por fim serviram para o desenvolvimento do commercio rural, fazendo-se as feiras, os cortejos e



1—Grupo de mulheres que fazem chapéus e palhoças. 2—Os aspectos da feira no campo da Republica. 3—Lavradeira que se salientou pelo rigor e distincão do traje regional. 4—Diligencia transportando romeiros para as festas das Cruzes

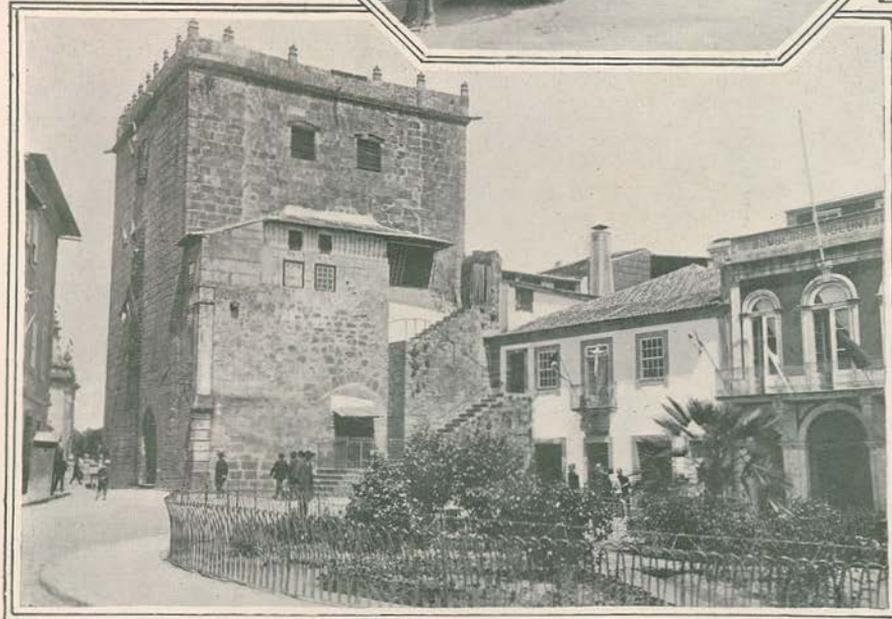




1—Os paços do conde de Barcelos vistos da ponte.

as exposições agrícolas como sucede por todo esse Minho laborioso e festeiro que resa mas não se esquece na oração, labuta mas não deixa de se divertir.

A festa das Cruzes em



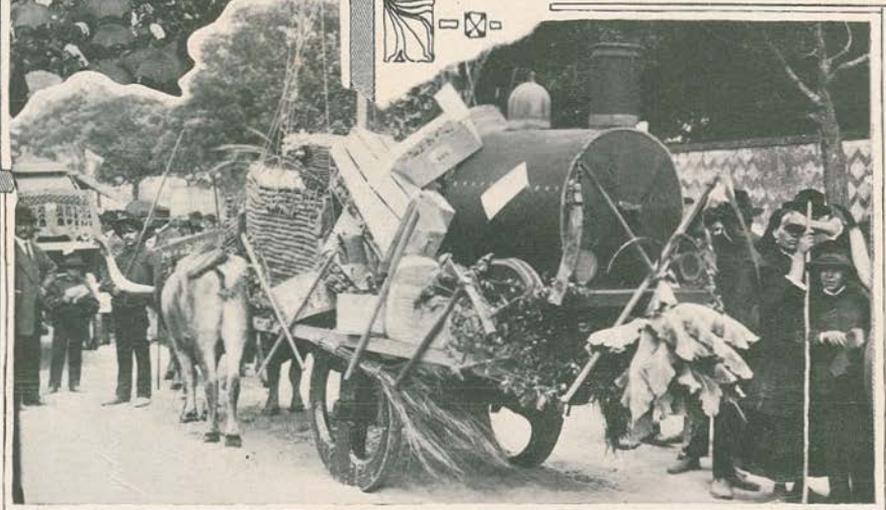
2—Um trecho do cortejo agrícola 3—O castelo de Barcelos, hoje transformado em cadeia.



Barcelos, ha dias realisada, é a que ma's aspetos d'estes apresenta, sendo, com a tradição religiosa, um esplendido mercado ao qual concorrem os lavradores e agricultores regionaes.

1—Na feira: Os fabricantes de cestos de vime.
2—Pastoras e pastores que figuraram no carro apresentado pelo sr. Joaquim Matos.

concorrem os lavradores e agricultores regionaes.



3—Passagem do cortejo no largo de Santa Cruz. 4—O carro do asilo-escola agricola que obteve o 1.º premio no concurso de carros.

Aquarelistas Portuguezas

A aguarela marca hoje uma rivalidade com a pintura a óleo. E' um genero encantador, bem para ser tratado por pinceis manejados por mãos femininas e em Portugal ela desenvolve-se de dia para dia como se tem provado

cidade. Gericouet popularizou-a em França. Chegou a voga; veiu o triunfo, outros illustres artistas se dedicaram com verdadeiro entusiasmo, havendo mesmo pintores de renome como Chavannes e Laures que aquarelaramior-



em exposições ultimamente realizadas. Foram os inglezes que lhe deram brilho e viva-



1—O professor Roque Gameiro um dos nossos aguarelistas mais distintos. 2—No Jardim do atelier de Roque Gameiro. 3—A amadora de aguarela. Sr.^a D. Beatriz Castro Ribeiro, filha do erudito professor Vitor Ribiro. 4—Uma lição com o modelo.



temente as suas últimas composições. Pela leveza, pela graça, pela transparência a aguarela é uma arte que a mulher compreende e executa como todas aquelas em que é necessário dar o mimo que o homem, por mais artista, nunca sobrepassa quando em paralelo com uma senhora artista também.

1—Um aspecto do atelier do distinto professor Roque Gameiro. 2—Amadoras de aguarela portuguesas: D. Maria das Dores Santos. 3—D. Maria Springer. 4—D. Alice de Matos Carneiro. 5—D. Maria José Portugal Pereira. 6—D. Ema Lidia Pinheiro d'Oliveira. 7—D. Palmira Teixeira Bastos.
(Clichés de Benoitte)

ESTRELAS DE PARIS

A bailarina Trouhanowa

Sem duvida, mademoiselle Trouhanowa é uma danarina elegante, formosa, admiravelmente *virtuose* e, a par de tudo isso, dona d'um bom gosto e d'um temperamento que nem sempre são apanagio dos seus irmãos em arte. Os seus recentes espetaculos no Chalet foram organizados



com os maiores requintes d'uma estetica, que talvez não seja a mais indiscutivel, mas que é com certeza a mais em dia. mademoiselle Trouhanowa interpretou, mimando e dançando, obras dos srs. Vincent d'Indy, Florent Schmitt, Pau' Dukas e





Maurice Ravel, sob a direção dos próprios autores e em cenários e roupagens dos srs. Desvallières, Dethomas, Piot e Dré-sa. N'essas condições, tósse embora mediocre o sucesso, forçoso seria reconl ecer a virtude da intensão. Mas não. O publico, o publico *snob* das grandes galas parisienses, aplaudiu calorosamente a bailarina e as peças musicas que ela tão eloquentemente acompanhou com a graça das suas lindas atitudes: *Istar*, *Salomé*, *La Péri* e *Adelaide ou la Langage des Fleurs*.

Até que ponto esse successo pôde ser controlé por uma critica severa não é minha intenção n'este instante averigual-o. Os autores interpretados representam as mais modernas tendencias da musica franceza; se Debussy lá tivesse figurado o quadro seria mesmo completo. De um d'esses autores—mr. Dukas—conheço uma opera admiravel: *Ariane et Barbe-Bleue*. E' uma



obra prima. E a sua *Péri* só vem confirmar, e d'uma fórma iniludível as eminentes qualidades que esse antigo trabalho nos mostrou. *Istar* e *Salomé* são excelentes composições plenas de brilho e maestria. A *Adelaide* de mr. Ravel é uma successão de valsas em que a ancia de modernismo nem sempre coincide com a expontaneidade da inspiração.

Ajuntaram merito a essas obras sinfonicas os gentis passos de dança de mademoiselle Trouhanowa? Longo seria discutil-o. De resto isso envolve um problema de ordem geral que em si contém milhares de controversias e, seja como fór, não nos impede de considerar mademoiselle Trouhanowa, a linda transfuga dos bailados russos, como uma artista encantadora e superior.

Paris, maio de 1912

Rui de Chaves.